

O período de chuvas fortes parece ter, de fato, se iniciado em Salvador, levando o medo de deslizamentos para os moradores de áreas de risco

Moradores de áreas de risco começam a se preocupar com chuvas, que atingem Salvador com mais força neste período

O período de chuvas fortes em Salvador parece ter, de fato, se iniciado. Após algumas mostras do que pode ser o Outono na capital baiana — no mês de fevereiro choveu 282,6mm, mais de 130% acima da média histórica —, as chuvas na última semana caíram com frequência — ontem com maior intensidade —, provocando um grande deslizamento de terra no bairro de Alto de Couselos na última sexta-feira. O pior ainda está por vir. Segundo a meteorologia, o período de chuvas deve se estender até junho, sendo abril e maio os meses com a previsão de maior volume de água. A elevada média do último mês não significa necessariamente que Salvador terá um excesso de chuvas, mas, a se manter a média, quem vive nas áreas de risco

contenção incluídas no Plano Diretor de Encostas, dos 433 pontos considerados de risco, apenas 32 tiveram os projetos concluídos e 28 estão em andamento, totalizando 60 áreas contempladas (menos de 15% do total). E a prioridade é para grandes avenidas, deixando de lado as populações de bairros periféricos, como Alto de Coutos, onde os moradores estão em estado de alerta. Na noite de sexta-feira, uma plataforma de concreto construída pelos próprios moradores na frente de um conjunto de casas ameaçado de desabamento, voltou a ceder. As casas estão num local onde antes passava uma manilha de esgoto e, segundo eles, o que hoje é uma cratera antes não passava de um buraco.

Deslizamentos - Uma chuva forte teria rompido a manilha e dado início aos transtornos. Uma vala começou a se abrir no local e seguidos deslizamentos colocaram em risco as ca-

tos colocaram em risco as casas mais próximas. Uma delas já foi derrubada – a família se

mudou com o dinheiro do aluguel (R\$250) pago pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, mas o benefício só pode ser prorrogado por seis meses. A casa vizinha, de seu José Anunciação Oliveira, parece ser a próxima. Para adiar o problema, ele e o vizinho, Raimundo Cézar, se uniram e fizeram um aterramento coberto de concreto e lona, que foi por água abaixo na última sexta-feira. Ambos passaram a manhã de ontem na Coordenadoria de Defesa Civil (Codescal), de onde saíram com uma lona plástica e a orientação de procurar a Surcap – responsável pela contenção de encostas – e a Sedes, a fim de providenciar a mu-

Enquanto isso, Cícera Viana, 31 anos, esposa de Raimundo César, aguardava notícias em casa, sem saber como serão as próximas noites se a chuva não parar. Revoltada, ela conta que as casas só não de-

conta que as casas só não se sabaram ainda por conta das obras realizadas com recursos

próprios dos moradores. "Aqui não tem um saco de cimento da prefeitura", afirma. Cícera garante que o projeto para contenção da encosta já está pronto mas que vem sendo adiado devido à falta de verbas. "Eles (técnicos da Codesa) vêm aqui, tiram foto, mas dizem que não têm dinheiro para fazer a obra."

Diante da falta de perspec-

tiva, a única alternativa possível parece ser o "faça você mesmo" – expressão levada a sério pelo comerciante Joaquim Bezerra, 77. Dono de uma "venda" na rua que dá acesso à baixada, ele também possui um terreno colado à margem do "va-lão" formado pelos deslizamentos frequentes. A cada chuva,

desce, solitário, enxada na mão,

para fazer a remoção de lixo e lama, facilitando a passagem da água e preservando seu pedaço de terra de pouco mais de 500m². Certa vez, quando construía o muro que delimita o terreno, seu Joaquim caiu na cratera e só não foi levado pela correnteza porque um amigo o salvou. "Mas passei quatro dias internado no HGE", conta

Entre os que passam as noites em claro, moradores de duas casas têm motivos mais urgentes para cobrar providências. Taise Oliveira, 19 anos, filha de José Anunciação, assistiu da porta de casa à varanda sumir sob seus pés. Hoje, para chegar e sair de casa, caminha por um piso de cimento rachado e prestes a também desabar. Desde sexta-feira, não dorme um sono tranqüilo e, quando chove, simplesmente não prega os olhos. "Fico apavorada", confessa. Mas não cogita deixar a casa, onde vive com o pai e um irmão. "Enquanto meu pai estiver aqui eu estou com ele".

Do outro lado da cratera, o marceneiro José Leonídio de Souza, 69, ou seu "Vadu", como é conhecido, chora diante da possibilidade de ver o edifício sucumbir sobre a terra. Uma lona preta, doada pela Coocasal, é a única distinção entre o muro da casa onímor e o barranco. A lona-carregar e instalar sozinho, sem nenhum amparo técnico ou equipamento de segurança. Com o seu muro e o telhado da casa vizinha rachados, ele teme o desabamento iminente. Seu Vadu conta que já gastou mais de R\$6 mil em obras paliativas e não tem mais de onde tirar recursos. O aluguel de R\$250 ele considera pouco para conseguir

uma casa que abrigue a mulher e os cinco filhos. Diante da incerteza, seu Vadu exhibe no rosto a angústia que o consome. Apontando para as olheiras e rugas, diz: "Eu não sou assim não, é que eu não durmo desde sexta-feira".

Para tentar minimizar os efeitos das chuvas, a Surcap, órgão da prefeitura responsável pela contenção de encostas, vem realizando as obras previstas no Plano Diretor de Encostas. A verba destinada a este fim tem sido utilizada praticamente a mesma desde o início da atual gestão.

Em 2005, foram R\$5 milhões, sendo R\$600 mil da União. No ano passado, foram utilizados R\$4 milhões do município (resta R\$1 milhão a pagar de obras não concluídas) e R\$400 mil da União. Este ano, com um maior repasse do governo federal, espera-se uma aceleração das obras. Estão previstos R\$5 milhões de recursos próprios e mais R\$2,5 milhões da União, além da verba anunciada pelo Governo Estadual na última semana, de R\$4 milhões para os municípios de região metropolitana.